

MORALIDADE E MILITÂNCIA: UM ESTUDO SOBRE OS PAPÉIS DE GÊNERO NA IGREJA CATÓLICA ENTRE AS DÉCADAS DE 1960 E 1980 NO BRASIL

NADIA MARIA GUARIZA – PPG-UFPR

Na década de 1960 na Igreja Católica emergiram discursos que deram origem a práticas que visavam a transformação social e uma relação mais democrática com as comunidades de leigos. Era um catolicismo progressista que se contrapunha ao conservador que foi implantado no Brasil desde meados do século XIX.

Esse catolicismo de feições conservadoras, denominado por alguns autores Ultramontano¹, foi erigido em contraposição a constituição de uma sociedade moderna marcada pela crescente laicização de instituições, como o Estado e o casamento, e de áreas sociais que até então a Igreja Católica possuía controle como a educação e a família².

No decorrer do século XIX as idéias liberais tiveram terreno prolífico solapando a capacidade da Igreja Católica em influenciar os rumos da sociedade e esvaziando as suas fileiras de fiéis. Diante disso, a cúpula da Igreja Católica adotou várias práticas e discursos para tentar impedir o avanço desse processo de laicização e de retornar a uma sociedade nos moldes tradicionais³.

Essa concepção conservadora vai tomar forma em algumas ações como os procedimentos voltados aos fiéis, como a criação de novas associações leigas e a divulgação pastoral nos mais variados meios de comunicação, de jornais e revistas ao rádio e cinema no século XX⁴.

Através dos canais de comunicação com os fiéis a Igreja Católica reforçava a sua autoridade e os preceitos morais católicos. O discurso ultramontano atribuía a responsabilidade pela devassidão da sociedade moderna a pouca fé e a desobediência da população às suas normas. Portanto, esse discurso insistia na necessidade da direção

clerical sobre o rebanho de fiéis, sendo assim qualquer iniciativa católica, mesmo as de caráter leigo, deveria ter a supervisão de um membro do clero.

Desde da pesquisa do mestrado o que me interessou foi à participação leiga feminina nesse contexto do catolicismo conservador no Brasil no início do século XX. Partindo da premissa de que a Igreja Católica perdeu terreno na sociedade moderna e necessitava retomar o seu poder, procurei demonstrar no meu trabalho que uma das estratégias adotadas pela Igreja Católica foi justamente valorizar a figura materna no seu discurso pastoral, criando e reavivando associações leigas femininas baseadas nas qualidades cristãs de mãe.

Essa valorização materna no discurso da Igreja Católica se processou, segundo Ivan MANOEL⁵, devido a teoria “dos círculos concêntricos”, ou seja, a idéia da Igreja era que por intermédio da mãe chegaria até o filho e o marido, chegando até a família e, como esta era a célula da sociedade, a atingiria; a recristianização da família significava a recristianização da sociedade.

Certamente a valorização materna estava delimitada dentro dos parâmetros católicos da visão do feminino, isto é, a ambigüidade permeava o discurso a respeito da figura da mãe cristã. Segundo Zaíra ARY⁶ a posição da mulher na Igreja Católica é secundária e subordinada à tutela masculina, mesmo nas associações leigas mais recentes como as das décadas de 1950 e 1960, o papel feminino é complementar ao masculino e dirigida por ele. Isso se deve a concepção de que a mulher é um ser de natureza inferior, porque Eva sucumbiu à tentação no Jardim do Éden.

Portanto, boa parte das associações leigas femininas nas paróquias brasileiras, que seguiam as linhas do catolicismo ultramontano, exaltavam a participação da mulher como educadora moral da família e da sociedade, porém a representação sempre remetia a qualidades como a mansidão, a obediência, a doçura que levavam a mulher a um papel passivo no interior da Igreja e da sociedade.

De qualquer forma, como apontei em minha dissertação, essas associações, amparadas numa concepção feminina dualista, de exaltação da mulher pela maternidade e castidade, ao mesmo tempo em que hierarquizava e limitava a participação feminina tomando por referência o modelo de Eva e de Nossa Senhora, também constituíram um espaço de ação para elas.

Passando os olhos nas atas de reuniões de algumas dessas associações é observável o grande número de atividades caritativas e de reuniões que as associadas participavam, proporcionando maior mobilidade a essas senhoras donas-de-casa. Portanto, as associações se configuravam como um espaço não apenas de controle, mas também de criação nas margens do catolicismo.

As associações e a Igreja Católica sofreram transformações no decorrer do século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, assim como outros setores da vida se tornaram de fórum íntimo e de escolha do indivíduo, a religião passou por esse processo. A ida a missa semanalmente não era mais um gesto social, mas sim um ato individual de fé. A reação da Igreja Católica diante das transformações sociais e mentais desse período é perceptível no Concílio Vaticano II (1962-1965)⁷.

Emerge nesse contexto a figura de um novo padre que não acredita que é o único portador da verdade e que pode aprender com o fiel. Nesse sentido, os padres da América Latina se mostraram mais sensíveis à situação de miséria da população, criando uma igreja mais humanizada e preocupada com o pobre.

João XXIII (1958-1963) anunciou em dois de fevereiro de 1962 que naquele mesmo ano, em onze de outubro, haveria a abertura do Concílio Vaticano II. Entre as decisões tomadas no Concílio Vaticano II (1962-1965) podemos mencionar a ampliação da obrigatoriedade da missa do domingo para o final de semana inteiro, o vernáculo substituiu o latim e a permissão para os leigos ministrarem a comunhão. Desse momento em diante, o bispado nacional agiu a partir de duas vias: mobilizar o clero com a finalidade

de produzir uma linguagem religiosa em cada língua nacional; e conscientizar as comunidades cristãs a respeito da procura de uma justiça social para todos⁹.

A proposta era abandonar a preocupação com a culpa individual da danação para substituí-la pela responsabilidade social com o outro. A orientação recebida de Roma a partir do Vaticano II era que a Igreja é o povo de Deus, sendo assim a Igreja não era apenas Roma, eram as pessoas que estavam nas ruas, nas prisões e nas calçadas. Em 1968 ocorreu a Conferência de Medellín que seguia essas orientações, e o papa Paulo VI (1963-1978) expõe na *Gaudium et spes* que a Igreja tem muito a aprender com o “outro”¹⁰. O catolicismo latino-americano se difundiu de maneira menos hierárquica e autoritária entre a população pobre. Católicos e padres se reúnem aos camponeses do nordeste e aos pobres das periferias das grandes cidades. Era a gênese das Comunidades Eclesiais de Base que se disseminariam na década de 1970.

Em 1972 a hierarquia conservadora da Igreja latino-americana assumiu o controle do Conselho Episcopal Latino-Americano lançando ataques contra a linha mais progressista do catolicismo, principalmente a Teologia da Libertação. Em 1979, na Conferência de Puebla compareceu o papa João Paulo II tentando dissuadir o clero a abandonar a prática transformadora com nuances marxistas, porém sofreu resistência da linha progressista.

No Brasil essa duplicidade do catolicismo também era perceptível. De um lado, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) propondo um catolicismo renovado e próximo do pobre e lutando contra as atrocidades do regime militar. De outro lado, uma ala conservadora remanescente do catolicismo da neocristandade que estava ligada aos interesses dos grupos dominantes do país¹¹.

Desta forma, entre as décadas de 1960 e 1980 encontramos nas paróquias brasileiras associações leigas femininas ainda ligadas ao catolicismo da neocristandade, como a Legião de Maria, e as associações religiosas de cunho mais popular e

progressista como as Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais. Acreditamos que essas duas linhas criaram novas possibilidades para as mulheres, atribuindo-lhes novos significados aos seus papéis sociais de gênero. Por isso, a intenção desse projeto é estudar essa diversidade de significados e de atuações concedidos às mulheres pela Igreja Católica entre as décadas de 1960 e 1980.

Devido essa mudança de perspectiva da política oficial da Igreja Católica a respeito da participação leiga e, também da própria finalidade do trabalho do clero junto à população, podemos encontrar uma infinidade de trabalhos que tratam deste assunto. No que diz respeito da participação feminina na Igreja Católica a produção é significativa, sobretudo de uma teologia feminista das décadas de 1980 e 1990.

Podemos citar trabalhos como de Maria José Rosado NUNES¹² que trata das transformações na vida das religiosas nas décadas de 1960 e 1970, enfatizando as mudanças nos votos de obediência, pobreza, clausura e vestes das freiras, mostrando que as irmãs estavam até então submetidas a uma estrutura extremamente hierarquizada e tuteladas por autoridades masculinas e sobre um regime que negava a sua feminilidade como algo pecaminoso. O catolicismo pós-conciliar provocou a quebra dessa hierarquia, tornando as instituições religiosas em comunidades nas quais poderiam existir relações mais igualitárias entre os seus membros, assim como as freiras passam a ter consciência do seu papel como mulheres no interior da Igreja Católica, questionando o seu lugar tradicional.

Acreditamos que o mesmo processo de transformações pode ser verificado entre as participantes leigas das associações católicas, tanto da linha conservadora quanto da progressista, reside aí a contribuição que a presente pesquisa pretende dar a investigação do tema na historiografia.

Outros estudos tratam da análise do discurso oficial da Igreja católica nas décadas de 1960, 1970 e 1980 sobre os direitos da mulher, como o de Zilda Fernandes RIBEIRO

que analisa a encíclica *Gaudium et spes* do papa Paulo VI como um documento atento às mudanças que afetavam a humanidade do mundo contemporâneo, entre elas a luta feminista no reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres e a necessidade de criar uma imagem positiva do corpo feminino na Igreja, assim como propiciar maior autonomia às mulheres. Por outro lado, a autora afirma que nos últimos documentos do papa João Paulo II houve um retrocesso nas questões relativas às relações de gênero, negando o caráter revolucionário do Concílio Vaticano II¹³.

Maria Pilar AQUINO comenta a visão da mulher apresentada nas Conferências de Medellín e Puebla que apesar de ter uma conotação androcêntrica e sexista, propiciou às mulheres uma nova missão e identidade como co-agente da construção da história e da renovação da Igreja. Como essa Igreja renovada apregoava a libertação dos pobres, marginalizados e oprimidos, as mulheres compreenderam que também estavam inseridas nesse contexto de opressão e por isso deveriam se libertar da dominação masculina. Como participantes ativas dessa nova Igreja, as mulheres começaram a questionar o seu lugar na instituição esperando também a igualdade de participação em relação aos homens¹⁴.

Portanto, as pastorais e as Comunidades Eclesiais de Base tiveram papel fundamental na evangelização libertadora das décadas de 1970 e 1980, nas quais a participação feminina foi intensa e criativa. A participação das mulheres em movimentos populares, como as CEBs, demonstra que no primeiro momento, elas se viam como parte integrante desta nova visão de igreja direcionada aos pobres e, em um segundo momento a sua participação as levaram à descoberta de sua subjetividade feminina¹⁵.

Existem estudos com um enfoque antropológico como o de Carmem Cinira MACEDO que procura compreender as CEBs na década de 1980 como uma rede de sociabilidade entre os participantes¹⁶, mostrando que além do conteúdo religioso essas organizações tinham fins práticos na comunidade e que as mulheres constituíam a

maioria nesses grupos. Nesse sentido, as CEBs proporcionaram as mulheres mais um campo de ação e criação na Igreja Católica.

Além da ala progressista, as associações já existentes na Igreja Católica continuaram a realizar o seu trabalho e algumas vezes ainda ligadas a um discurso conservador, apoiando a manutenção da ordem estabelecida, fazendo oposição às idéias da Igreja Renovada pelo Concílio Vaticano II. No estudo sobre o papel das leigas nessa frente conservadora existem trabalhos que tratam da eficiência delas na participação do Golpe Militar de 1964, por intermédio de sua participação nos Cursilhos da Cristandade e na Marcha da Família com Deus pela Liberdade¹⁷.

Era a ofensiva da linha conservadora diante da progressista condenada por sua aproximação com o discurso “ateu” da esquerda e que ameaçava a propriedade privada dos grupos dominantes. Novamente, a participação feminina era vista como uma estratégia para impedir o avanço das mudanças sociais que colocavam em risco o *status quo* de um grupo de privilegiados.

Segundo Ana Maria BIDEGAIN, a falta de mais estudos sobre a história da teologia latino-americana por intermédio da perspectiva de gênero *nos impede de realizar um estudo mais acurado da base religiosa da formação do imaginário sobre a mulher no século XIX*¹⁸, e da mentalidade patriarcal reinante no século XX.

A autora prossegue afirmando que os estudos de gênero no que tange a história do catolicismo levariam ao questionamento das relações de poder que sustentam a ordem conservadora na política latino-americana, já que as relações entre o masculino e o feminino se configuram como uma das formas primárias das relações significantes de poder, que constituem o imaginário patriarcal da sociedade.

Nós que vivemos num país católico como o Brasil percebermos as implicações das tradições que permeiam o imaginário e regem a organização social. Isso é perceptível de maneira contundente, nas representações femininas e masculinas que introjetam

comportamentos nos indivíduos e criam relações marcadas pela hierarquização entre os gêneros.

¹ Este termo foi utilizado para designar o Movimento Conservador contra os Estados Liberais de uma sucessão de papas em meados do século XIX e início do XX, em sua origem, no século XIII, esse termo se referia aos papas escolhidos ao norte dos Alpes. Um dos autores que usa este termo é Riolando Azzi.

² GUARIZA, Nadia Maria. *As Guardiãs do lar*: a valorização materna no discurso ultramontano. Curitiba, 2003. Dissertação (Mestrado em História), UFPR. p. 14.

³ AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono*: um projeto conservador. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

⁴ Os meios de divulgação pastoral se ampliavam, na medida em que o desenvolvimento tecnológico criava novos meios de comunicação. Para citar algumas encíclicas que tratavam desse assunto: LEÃO XIII, Papa. Cartas aos Bispos do Brasil: IN: *Excertos*: sobre a imprensa. 2 jul. 1894.

⁵ MANOEL, Ivan. *Igreja e Educação feminina (1859-1919)*: uma face do conservadorismo. São Paulo: UNESP, 1996. p. 49.

⁶ ARY, Zaira. *Masculino e feminino no Imaginário Católico*: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annabluma, 2000. (coleção Diálogos). p. 76.

⁷ VINCENT, Gerard. Os católicos: o imaginário e o pecado. IN: PROST, Antonie, VINCENT, Gerard (org.). *História da Vida Privada*: da Primeira Guerra Mundial a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 392-426.

⁸ VINCENT, Gerard. Os católicos ... p. 413.

⁹ VINCENT, Gerard. Os católicos ... p. 415.

¹⁰ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). IN: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, FERREIRA, Jorge. *O tempo da ditadura militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 98.

¹¹ NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. IN: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

¹² RIBEIRO, Zilda Fernandes. *A mulher e se corpo*: magistério eclesiástico e renovação da ética. Aparecida- São Paulo: Editora Santuário, 1998.

¹³ AQUINO, Maria Pilar. *A Teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1997.

¹⁴ BRUNELLI, Delir. *Libertação da Mulher*: um desafio para a Igreja e a Vida Religiosa da América Latina. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1989.

¹⁵ MACEDO, Carmen Cinira. *Tempo de Gênesis*: o povo das comunidades eclesiais de base. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹⁶ MOURA, D. Odilão. *As idéias católicas no Brasil*: direções do pensamento católico do Brasil no século XX. São Paulo: Editora Convívio, 1978. p. 196.

¹⁷ BIDEGAIN, Ana Maria. Gênero como categoria de análise na História das religiões. IN: BIDEGAIN, Ana Maria (org.). *Mulheres*: autonomia e controle religioso na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 24.